

Leïla Slimani

CANÇÃO  
DE NINAR

O BEBÊ ESTÁ MORTO.  
BASTARAM ALGUNS SEGUNDOS.

*Tradução*

Sandra M. Stroparo



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Éditions Gallimard, Paris, 2016  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018, 2026  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Chanson douce*

*Preparação:* Mariana Delffini  
*Revisão:* Ana Lima Cecilio e Maitê Zickuhr  
*Projeto gráfico:* Jussara Fino  
*Diagramação:* Abreu's System  
*Capa:* Fabio Oliveira  
*Imagem de capa:* Marie Carr/Arcangel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

<p>Slimani, Leïla Canção de ninar / Leïla Slimani ; tradução de Sandra M. Stroparo. – 2. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2026. 192 p.</p> <p>ISBN 978-85-422-3973-7 Título original: Chanson douce</p> <p>1. Ficção francesa I. Título II. Stroparo, Sandra M.</p> <p>25-4994 <span style="float: right;">CDD 843</span></p>
---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção francesa

*Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2018 de l'Institut Français du Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.*

Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2018 do Instituto Francês do Brasil, contou com o apoio do Ministério Francês da Europa e das Relações Exteriores.

**INSTITUT  
FRANÇAIS**  
BRASIL



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar  
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O bebê está morto. Bastaram alguns segundos. O médico assegurou que ele não tinha sofrido. Estenderam-no em uma capa cinza e fecharam o zíper sobre o corpo desarticulado que boiava em meio aos brinquedos. A menina, por sua vez, ainda estava viva quando o socorro chegou. Resistiu como uma fera. Encontraram marcas de luta, pedaços de pele sob as unhas molinhas. Na ambulância que a transportava ao hospital ela estava agitada, tomada por convulsões. Com os olhos esbugalhados, parecia procurar o ar. Sua garganta estava cheia de sangue. Os pulmões estavam perfurados e a cabeça tinha batido com violência contra a cômoda azul.

Fotografaram a cena do crime. A polícia colheu digitais e mediu a área do banheiro e do quarto das crianças. No chão, o tapete de princesa estava empapado de sangue. O trocador estava meio virado. Os brinquedos foram levados em sacos transparentes e lacrados. Até a cômoda azul será usada no processo.

A mãe estava em choque. Foi o que disseram os bombeiros, o que repetiram os policiais, o que escreveram os jornalistas. Ao entrar no quarto onde jaziam os filhos, ela soltou um grito, um grito das profundezas, um uivo de loba. As pa-

redes tremeram. A noite se abateu sobre esse dia de maio. Ela vomitou e a polícia a descobriu assim, com a roupa suja, agachada no quarto, soluçando como uma desvairada. Ela uivou até arrebentar os pulmões. O enfermeiro fez um sinal discreto com a cabeça e eles a ergueram, apesar de sua resistência, de seus chutes. Eles a levantaram devagar e a jovem residente do SAMU lhe deu um calmante. Era seu primeiro mês de estágio.

Também foi preciso salvar a outra. Com o mesmo profissionalismo, com objetividade. Ela não soube morrer. Ela só soube provocar a morte. Ela seccionou os dois pulsos e cravou a faca na garganta. Perdeu a consciência ao pé do berço. Eles a colocaram em pé, tomaram seu pulso e sua pressão. Eles a puseram na maca e a jovem estagiária comprimiu seu pescoço com a mão.

Os vizinhos se reuniram na frente do prédio. Principalmente as mulheres. É quase hora de ir buscar as crianças na escola. Elas olham a ambulância com os olhos inchados de lágrimas. Choram e querem saber. Ficam na ponta dos pés. Tentam descobrir o que acontece atrás do cordão de isolamento, no interior da ambulância que arranca com todas as sirenes ligadas. Cochicham informações umas para as outras. O rumor já corre. Algo de ruim aconteceu com as crianças.

É um belo prédio da rue d'Hauteville, no décimo *arrondissement*. Um prédio onde os vizinhos se cumprimentam, sem se conhecer, com bons-dias calorosos. O apartamento dos Massé fica no quinto andar. É o menor apartamento do edifício. Paul e Myriam ergueram uma divisória no meio da sala quando o segundo filho nasceu. Eles dormem em um cômodo apertado, entre a cozinha e a janela que dá para a rua. Myriam gosta de móveis chineses e tapetes marroquinos. Na parede, ela pendurou gravuras japonesas.

Hoje ela voltou mais cedo. Encurtou uma reunião e deixou para o dia seguinte a análise de um dossiê. Num assento retrátil no metrô da linha 7, ela pensava em fazer uma surpresa para os pequenos. Chegando, passou na padaria. Comprou uma baguete, uma sobremesa para as crianças e um bolinho de laranja para a babá. O favorito dela.

Pensava em levá-los ao carrossel. Eles iriam juntos fazer as compras para o jantar. Mila pediria um brinquedo, Adam chuparia uma casquinha de pão sentado no carrinho.

Adam está morto. Mila não vai resistir.



— Não quero uma imigrante ilegal, tudo bem? Pra zeladora ou pintor, isso não me incomoda. Essas pessoas precisam trabalhar, mas pra cuidar das crianças é perigoso demais. Não quero alguém que tenha medo de chamar a polícia ou de ir ao hospital se precisar. De resto, não muito velha, que não use véu e que não fume. O importante é que seja ativa e disponível. Que trabalhe pra que a gente possa trabalhar.

Paul preparou tudo. Montou uma lista de perguntas e calculou trinta minutos de entrevista. Separaram um sábado para encontrar uma babá para suas crianças.

Alguns dias antes, quando Myriam conversava sobre sua busca por uma babá com uma amiga, Emma, esta se queixou da mulher que cuidava de seus meninos.

— A babá tem dois filhos aqui, acaba que ela nunca pode ficar até mais tarde ou vir de vez em quando no final de semana. Não é muito prático. Pense nisso quando fizer as entrevistas. Se ela tiver filhos, é melhor que eles não estejam na França.

Myriam tinha agradecido o conselho. Mas, na verdade, tinha ficado incomodada com a conversa de Emma. Se um empregador tivesse falado dela ou de uma amiga dessa maneira,

elas teriam alegado discriminação. Achava terrível a ideia de descartar uma mulher por ela ter filhos. Melhor não levantar o assunto com Paul. Seu marido é como Emma. Pragmático, coloca a família e a carreira antes de tudo.

Nessa manhã, foram ao mercado em família, os quatro. Mila nos ombros de Paul, e Adam dormindo no carrinho. Compraram flores e agora arrumam o apartamento. Querem fazer bonito para as babás que vão até lá. Juntam os livros e as revistas que estão no chão, embaixo da cama e até no banheiro. Paul pede a Mila para arrumar seus brinquedos em grandes caixas de plástico. A menininha reclama, choraminga, e é ele quem acaba por empilhá-los junto à parede. Dobram as roupas das crianças, trocam os lençóis. Limpam, jogam, procuram desesperadamente arejar o apartamento que os sufoca. Eles queriam que elas os considerassem gente de bem, pessoas sérias e organizadas que tentam dar aos filhos apenas o melhor. Queriam que elas entendessem que eles são os patrões.

Mila e Adam tiram uma soneca. Myriam e Paul estão sentados na beira da cama. Ansiosos e incomodados. Nunca confiaram as crianças a ninguém. Myriam estava terminando o curso de Direito quando ficou grávida de Mila. Formou-se duas semanas antes de dar à luz. Paul somava um estágio ao outro, cheio do otimismo que seduzira Myriam quando ela o conheceu. Ele tinha certeza de que poderia trabalhar por dois. Tinha certeza de que ia fazer sua carreira na produção musical, apesar da crise e das restrições de orçamento.

Mila era um bebê frágil, irritável, que chorava sem parar. Ela não ganhava peso, recusava o peito da mãe e as mamadeiras que o pai preparava. Debruçada sobre o berço, Myriam tinha

até esquecido o mundo lá fora. Suas ambições se limitavam a fazer aquela filha magrinha e chorona ganhar alguns gramas. Os meses passavam sem que ela se desse conta. Paul e ela nunca se separavam de Mila. Eles fingiam não notar que seus amigos se aborreciam e diziam pelas costas que bar ou restaurante não é lugar para um bebê. Mas Myriam não queria nem ouvir falar em *baby-sitter*. Só ela era capaz de responder às necessidades da filha.

Mila tinha só um ano e meio quando Myriam engravidou de novo. Ela sempre repetia que tinha sido um acidente.

— A pílula nunca é cem por cento — dizia, rindo, às amigas.

Na verdade, tinha premeditado a gravidez. Adam foi uma desculpa para ela não deixar a tranquilidade do lar. Paul não fez nenhuma ressalva. Acabava de ser contratado como assistente de som em um estúdio renomado, onde passava as noites e os dias, refém dos caprichos dos artistas e de como eles gastavam o tempo. Sua mulher parecia se encontrar nessa maternidade animal. Essa vida de casulo, longe do mundo e dos outros, os protegia de tudo.

E então o tempo começou a parecer longo, a perfeita mecânica familiar foi arranhada. Os pais de Paul, que estavam acostumados a ajudá-los desde o nascimento da menina, passavam cada vez mais tempo na casa de campo, onde tinham iniciado uma grande reforma. Um mês antes do parto de Myriam, programaram uma viagem de três semanas para a Ásia e só avisaram Paul no último minuto. Ele ficou chateado, queixando-se a Myriam do egoísmo dos pais, de sua levianidade. Mas Myriam estava aliviada. Ela não aguentava Sylvie no seu pé. Ouvia sorrindo os conselhos da sogra, engolia em seco quando a via mexer na geladeira e criticar os alimentos que encontrava. Sylvie comprava saladas orgânicas. Preparava a refeição de Mila, mas deixava a cozinha uma imundí-

cie. Myriam e ela nunca concordavam em nada e reinava no apartamento um mal-estar denso, fervilhante, que ameaçava a cada segundo explodir em uma luta aberta.

— Deixe seus pais viverem a vida deles. Eles têm razão de aproveitar, agora que estão livres — Myriam acabou dizendo a Paul.

Ela não tinha ideia do que viria. Com duas crianças, tudo ficou mais complicado: fazer compras, dar banho, ir ao médico, fazer a faxina. As contas se acumularam. Myriam ficou sombria. Começou a detestar as saídas ao parque. Os dias de inverno pareceram intermináveis. Os caprichos de Mila a irritavam, os primeiros balbucios de Adam lhe eram indiferentes. Ela sentia cada dia um pouco mais a necessidade de ficar sozinha e tinha vontade de gritar como uma louca na rua. *Eles me devoram viva*, pensava, às vezes.

Invejava o marido. À noite, esperava ansiosa atrás da porta. Passava uma hora se queixando dos gritos das crianças, do tamanho do apartamento, da falta de distrações. Quando ela o deixava falar e ele contava as sessões de gravação épicas de um grupo de hip-hop, ela replicava:

— Você tem sorte.

— Não, você é que tem sorte. Eu queria muito ver eles crescerem — ele respondia.

Nesse jogo, nunca havia vencedor.

À noite, ao lado, Paul dormia o sono pesado de quem trabalhou o dia inteiro e merece descanso. Ela se roía de amargura e arrependimento. Pensava nos esforços que tinha feito para terminar os estudos, apesar da falta de dinheiro e da ajuda da família, na felicidade que sentira ao ser admitida na Ordem, na primeira vez que usara a beca de advogada, que Paul tinha fotografado, ela na frente da porta do prédio, orgulhosa e sorridente.

Durante meses ela fingiu suportar a situação. Nem para Paul ela soube como falar sobre a vergonha que sentia. Como se sentia morrer por não ter nada diferente para contar além das bobagens das crianças e das conversas entre desconhecidos que ela espiava no supermercado. Começou a recusar todos os convites para jantar, a não responder mais aos telefonemas dos amigos. Desconfiava sobretudo das mulheres, que podiam ser tão cruéis. Tinha vontade de estrangular as que diziam admirá-la ou, pior, invejá-la. Não suportava mais ouvi-las se queixar de seus trabalhos, de não ver os filhos o suficiente. Mais que tudo, ela temia os desconhecidos. Os que perguntavam inocentemente com que ela trabalhava e se constrangiam à menção de uma vida no lar.

Um dia, fazendo compras no Monoprix do boulevard Saint-Denis, ela percebeu que tinha sem querer furtado umas meias de crianças, esquecidas no carrinho de bebê. Ela estava a alguns metros de casa e poderia ter voltado à loja para devolvê-las, mas desistiu. Não contou isso para Paul. Não tinha nenhuma importância, mas ela não conseguia parar de pensar no assunto. Regularmente, depois desse episódio, ia ao Monoprix e escondia no carrinho do filho um xampu, um creme ou um batom que não ia pagar. Sabia muito bem que, se a pegassem, bastaria fazer o papel de mãe sobrecarregada e, sem dúvida, acreditariam na sua boa-fé. Esses voos ridículos a deixavam em transe. Ria sozinha na rua, com a impressão de caçoar do mundo inteiro.

Quando reencontrou Pascal por acaso, viu isso como um sinal. Seu antigo colega de faculdade de Direito não a reconheceu

de imediato: ela usava uma calça larga demais, botas velhas e estava com os cabelos sujos presos em um coque. Myriam estava de pé, na frente do carrossel do qual Mila se recusava a descer.

— É a última volta — ela repetia a cada vez que a filha, agarrada a seu cavalo, passava na frente dela e acenava.

Levantou os olhos: Pascal sorria, os braços abertos para demonstrar alegria e surpresa. Ela devolveu o sorriso, as mãos agarrando o carrinho. Pascal não tinha muito tempo, mas por sorte seu compromisso era do lado da casa de Myriam.

— Eu tinha que voltar pra casa de qualquer jeito. Vamos juntos? — ela propôs.

Myriam se jogou sobre Mila, que soltou gritos estridentes. Ela se recusava a ir embora, e Myriam teimava em sorrir, fazendo de conta que controlava a situação. Ela não parava de pensar na velha blusa de gola puída que vestia sob o casaco e que Pascal devia ter notado. Passava a mão freneticamente nas têmporas, como se isso fosse suficiente para pôr em ordem os cabelos secos e emaranhados. Pascal parecia não perceber nada. Falou do escritório que tinha aberto com dois colegas da faculdade, das dificuldades e alegrias de ser seu próprio chefe. Ela bebia suas palavras. Mila não parava de interrompê-la, e Myriam teria dado qualquer coisa para ela se calar. Sem abandonar o olhar de Pascal, mexeu nos bolsos, na bolsa, em busca de uma chupeta, uma bala, qualquer coisa que garantisse o silêncio da filha.

Pascal mal olhou as crianças. Não perguntou seus nomes. Nem Adam, dormindo no carrinho, com o rosto calmo e adorável, o enterneceu ou emocionou.

— É aqui.

Pascal a beijou no rosto. Disse:

— Fiquei muito feliz em te ver.

E entrou em um prédio com uma porta azul pesada que, ao bater, assustou Myriam. Ela começou a rezar em silêncio. Ali, na rua, estava tão desesperada que poderia se sentar no chão e chorar. Queria se agarrar à perna de Pascal, implorar para levá-la com ele, para lhe dar uma chance. Voltando para casa, sentia-se completamente abatida. Olhou Mila, que brincava tranquila. Deu banho no bebê e disse a si mesma que aquela felicidade simples, muda, prisional, não era suficiente para consolá-la. Pascal, sem dúvida, devia ter rido dela. Talvez tivesse até telefonado para antigos colegas da faculdade para contar a vida patética de Myriam, que “não é mais a mesma”, que “não teve a carreira que a gente pensava que teria”.

Durante toda a noite, conversas imaginárias roeram seu espírito. No dia seguinte, ela tinha acabado de sair do banho quando ouviu o som de uma mensagem chegando. “Não sei se você pensa em voltar para o Direito. Se te interessar, podemos conversar.” Myriam só faltou gritar de alegria. Pôs-se a pular pelo apartamento e abraçou Mila, que dizia:

— O que foi, mamãe? Por que você está rindo?

Mais tarde, Myriam se perguntou se Pascal tinha percebido seu desespero ou se tinha apenas considerado um golpe de sorte topar com Myriam Charfa, a estudante mais séria que ele já tinha encontrado. Talvez ele tenha pensado que era abençoado por poder contratar uma mulher como ela, recolocá-la no caminho dos tribunais.

Myriam falou com Paul e ficou decepcionada com sua reação. Ele deu de ombros.

— Eu não sabia que você tinha vontade de trabalhar.

Isso a deixou irritada, mais do que deveria. A conversa se inflamou rápido. Ela o chamou de egoísta, ele considerou o comportamento dela inconsequente.

— Você vai trabalhar, tudo bem, mas o que a gente faz com as crianças?

Ele ironizava, fazendo as ambições dela parecerem ridículas, dando ainda mais a impressão de que ela estava aprisionada naquele apartamento.

Depois de se acalmarem, estudaram as opções com paciência. Era fim de janeiro: nem valia a pena procurar vaga em creche ou berçário. Eles não conheciam ninguém na prefeitura. E, se ela voltasse a trabalhar, eles ficariam na faixa salarial mais perversa: ricos demais para solicitar um auxílio do governo e pobres demais para que a contratação de uma babá não representasse um sacrifício. Mas essa foi, finalmente, a solução que escolheram, depois que Paul afirmou:

— Contando as horas extras, a babá e você vão ganhar mais ou menos a mesma coisa. Mas, enfim, se você acha que isso pode te distrair...

Myriam guardou um gosto amargo dessa discussão. Ficou magoada com Paul.

Ela quis fazer as coisas direito. Para garantir, foi a uma agência que acabara de abrir no bairro. Um escritório pequeno, decorado com simplicidade, mantido por duas jovens de uns trinta anos. A fachada, pintada de azul-bebê, estava enfeitada com estrelas e pequenos dromedários dourados. Myriam tocou a campainha. Através da vidraça, a dona a mediu. Levantou-se lentamente e passou a cabeça pela fresta da porta.

— Sim?

— Bom dia.

— Você veio se cadastrar? Precisamos de um dossiê completo. Currículo e referências assinadas pelos seus antigos empregadores.

— Não, não é isso. Eu vim por causa dos meus filhos. Estou procurando uma babá.

O rosto da moça se transformou por completo. Pareceu contente por receber uma cliente e, por isso, envergonhada por sua atitude. Mas como ela poderia ter pensado que essa mulher cansada, com cabelos duros e encaracolados, era a mãe da menina bonitinha que choramingava na calçada?

A gerente abriu um grande catálogo sobre o qual Myriam se debruçou.

— Sente-se — ela disse.

Dezenas de fotografias de mulheres, a maioria africanas ou filipinas, desfilavam diante dos olhos de Myriam. Mila se divertia. Dizia:

— Essa aqui é feia, né?

Sua mãe a repreendia e ela voltava tristinha para os retratos sem foco ou mal enquadrados nos quais nenhuma mulher sorria.

Não tinha gostado da gerente. Sua hipocrisia, seu rosto redondo e corado, seu lenço puído em volta do pescoço. Seu racismo, evidente à primeira vista. Tudo lhe dava vontade de fugir. Myriam se despediu dela. Prometeu que falaria com o marido e nunca mais voltou. Em vez disso, foi ela mesma colocar um pequeno anúncio nas lojas do bairro. Aconselhada por uma amiga, inundou a internet com anúncios onde se lia URGENTE. Em uma semana, eles receberam seis telefonemas.

Ela aguarda essa babá como ao Messias, mesmo aterrorizada com a ideia de deixar os filhos. Conhece tudo sobre eles e queria guardar esse conhecimento para si. Sabe seus gostos, suas manias. Adivinha logo quando um deles está doente ou triste. Nunca tirou os olhos deles, convencida de que ninguém poderia protegê-los tão bem quanto ela.

Desde que nasceram, ela tem medo de tudo. Tem, acima de qualquer coisa, medo de que eles morram. Nunca fala disso, nem aos amigos nem a Paul, mas está certa de que todos pensam o mesmo. Tem certeza de que, assim como com ela, já aconteceu de se perguntarem, enquanto olham para os filhos dormindo, o que sentiriam se aquele corpo fosse um cadáver, se seus olhos fechados ficassem assim para sempre. Cenas atrozess se esboçavam, cenas que ela afastava balançando a cabeça, recitando orações, batendo na madeira e na hamsá que tinha herdado de sua mãe. Afasta o mau-olhado, a doença, os acidentes, os apetites perversos dos predadores. Sonha, à noite, com seu desaparecimento repentino no meio de uma multidão indiferente. Grita “Onde estão meus filhos?” e as pessoas riem. Pensam que ela está louca.



— Ela está atrasada. Já começou mal.

Paul se impacienta. Vai até a porta de entrada e espia pelo olho mágico. São duas e quinze e a primeira candidata, uma filipina, ainda não chegou.

Às duas e vinte, Gigi bate de leve na porta. Myriam vai abrir. Nota na hora que a mulher tem pés bem pequenos. Apesar do frio, usa tênis de tecido e meias soquete brancas com babados. Perto dos cinquenta, tem os pés de uma criança. Bem elegante, cabelos presos em uma trança que cai no meio das costas. Paul comenta, seco, seu atraso e Gigi baixa a cabeça murmurando desculpas. Ela fala francês muito mal. Sem convicção, Paul começa uma entrevista em inglês. Gigi fala de sua experiência. Dos filhos que deixou em seu país, do mais jovem que ela não vê há dez anos. Ele não vai contratá-la. Faz algumas perguntas pró-forma e às duas e meia a acompanha até a porta.

— Nós ligaremos pra você. *Thank you.*

Em seguida Grace, uma marfinense sorridente e ilegal. Caroline, uma loura obesa de cabelo sujo, que passa a entrevista se queixando de seu problema de dor nas costas e de circulação venosa. Malika, uma marroquina de certa idade,

que ressaltou seus vinte anos de experiência e seu amor pelas crianças. Myriam tinha sido muito clara. Ela não quer uma magrebina para cuidar das crianças.

— Seria bom — Paul tentou convencê-la. — Ela falaria em árabe com eles, já que você não quer fazer isso.

Mas Myriam se recusa, resoluto. Teme que se instale uma cumplicidade tácita, uma familiaridade entre elas duas. Que a outra comece a fazer observações em árabe. A contar sua vida e, logo, logo, a pedir mil coisas em nome de sua língua e da religião comum. Ela sempre desconfiou do que chama de solidariedade entre imigrantes.

E então Louise chegou. Quando narra esse primeiro encontro, Myriam adora falar do que foi uma certeza. Como uma paixão à primeira vista. Insiste sobretudo na forma como sua filha se comportou.

— Foi ela quem escolheu — gosta de afirmar.

Mila tinha acabado de acordar da soneca, arrancada do sono pelos gritos estridentes do irmão. Paul foi buscar o bebê, seguido muito de perto pela menina, que se escondia entre suas pernas. Myriam descreve essa cena ainda fascinada pela segurança da babá. Louise se levantou, pegou Adam com cuidado do colo do pai e fez de conta que não via Mila.

— Onde está a princesa? Achei que tinha visto uma princesa, mas ela desapareceu.

Mila começou a rir alto, e Louise continuou seu jogo, procurando nos cantos, sob a mesa, atrás do sofá, a misteriosa princesa desaparecida.

Eles fazem algumas perguntas. Louise conta que seu marido morreu, que sua filha, Stéphanie, está grande agora – “quase vinte anos, é inacreditável” –, que ela, Louise, tem bastante

disponibilidade. Estende para Paul um papel onde estão os nomes dos antigos patrões. Fala dos Rouvier, que estão no alto da lista.

— Fiquei na casa deles por muito tempo. Eles tinham duas crianças também. Dois meninos.

Paul e Myriam são seduzidos por Louise, por seus traços lisos, seu sorriso franco, seus lábios que não tremem. Ela parece imperturbável. Tem o olhar de uma mulher que pode compreender e perdoar tudo. Seu rosto é como um mar calmo, de cujos abismos ninguém poderia suspeitar.

Na mesma noite eles telefonam para o casal com o número que Louise tinha deixado. Uma mulher responde, um pouco fria. Quando ouve o nome de Louise, muda de tom na hora.

— Louise? Que sorte a de vocês de tê-la encontrado. Ela foi como uma segunda mãe pros meus meninos. Foi de partir o coração quando tivemos de nos despedir. Pra dizer a verdade, na época até pensei em ter um terceiro filho pra poder ficar com ela.

Louise abre as venezianas de seu apartamento. Passa um pouco das cinco da manhã e, lá fora, os postes ainda estão acesos. Um homem anda na rua, beirando as paredes para evitar a chuva. O aguaceiro durou a noite toda. O vento assobiou nas calhas e assombrou seus sonhos. Parecia que a chuva caía na horizontal para bater em cheio na fachada do prédio e nas janelas. Louise gosta de olhar para fora. Bem na frente de seu prédio, entre duas construções sinistras, há uma casinha cercada por um jardim cerrado. Um casal jovem se mudou para lá no começo do verão, parisienses e seus filhos que brincam no balanço e limpam a horta no domingo. Louise se pergunta o que eles vieram fazer nesse bairro.

A falta de sono a faz tremer. Ela arranha o canto da janela com a ponta da unha. Gosta de limpar os vidros, freneticamente, duas vezes por semana, porque eles parecem sempre baços, cobertos de poeira e manchas escuras. Às vezes ela tinha vontade de limpar até quebrar. Arranha, com mais e mais força, com a ponta do indicador, e sua unha se quebra. Leva o dedo à boca e o chupa para parar de sangrar.

O apartamento só tem um cômodo, que Louise faz de quarto e sala ao mesmo tempo. Ela toma o cuidado, a cada

manhã, de fechar o sofá-cama e cobri-lo com uma capa preta. Faz suas refeições na mesinha de centro, com a televisão sempre ligada. Perto da parede, umas caixas ainda estão fechadas. Elas contêm alguns objetos que talvez pudessem dar vida a esse apartamento sem alma. À direita do sofá, em uma moldura brilhante, está a foto de uma adolescente de cabelos vermelhos.

Estendeu delicadamente a saia longa e a blusa no sofá. Junta do chão as sapatilhas compradas há mais de dez anos, mas das quais cuidara tanto que ainda pareciam novas. São envernizadas, bem simples, com saltos quadrados e enfeitadas em cima com um pequeno laço. Senta-se e começa a limpar uma delas, mergulhando um pedaço de algodão em um pote de creme demaquilante. Seus gestos são lentos e precisos. Limpa com um cuidado nervoso, inteiramente absorvida pela tarefa. O algodão ficou coberto de sujeira. Louise aproxima o calçado da lâmpada da mesinha. Quando o verniz já parece brilhante, deixa aquele e pega o outro.

É tão cedo que ela tem tempo de refazer as unhas estragadas pela limpeza da casa. Envolva o indicador com um curativo e passa um esmalte rosa, bem discreto, nos outros dedos. Pela primeira vez, e apesar do preço, pintou os cabelos no salão. Ela os prendeu em coque logo acima da nuca. Se maquia e a sombra azul a envelhece, ela que tem a silhueta tão delicada, tão pequena, que de longe poderia aparentar ter vinte anos. Tem, entretanto, mais que o dobro.

Anda para lá e para cá no cômodo que nunca lhe pareceu tão pequeno, tão estreito. Senta-se e levanta quase em seguida. Poderia ligar a televisão. Beber um chá. Ler um número antigo da revista feminina que deixa perto da cama. Mas tem medo

de relaxar, deixar o tempo correr, ceder ao torpor. Esse despertar matinal a deixou frágil, vulnerável. Bastaria quase nada para que fechasse os olhos por um minuto, adormecesse e chegasse atrasada. Precisa manter o espírito vivo, conseguir concentrar toda sua atenção nesse primeiro dia de trabalho.

Não conseguiu esperar em casa. Ainda não são seis horas, ela está muito adiantada, mas anda rápido para a estação do trem. Leva mais de quinze minutos para chegar à estação de Saint-Maur-des-Fossés. No vagão, senta em frente a um velho chinês que dorme encolhido com o rosto contra o vidro. Olha fixo seu rosto esgotado. A cada estação ela hesita em acordá-lo. Tem medo de que ele se perca, que vá longe demais, que abra seus olhos, sozinho, no terminal e que seja obrigado a fazer o caminho de volta. Mas não diz nada. É melhor não falar com as pessoas. Uma vez, uma jovem morena, muito bonita, quase bateu nela.

— Por que você tá me olhando? Hein? Que é que você tem que me olhar? — gritava.

Chegando em Auber, Louise desce na plataforma. Começa a aparecer mais gente, uma mulher esbarra nela quando sobe as escadas para a plataforma do metrô. Um cheiro repugnante de croissant e chocolate queimado lhe dá engulhos. Pega a linha 7 na estação Opéra e volta para a superfície na estação Poissonnière.

Louise está quase uma hora adiantada e senta no terraço do Le Paradis, um café sem charme de onde pode observar a entrada do prédio. Brinca com a colher. Olha com inveja o homem à direita que traga seu cigarro com uma boca carnuda e depravada. Ela gostaria de pegá-lo nas mãos e aspirá-lo em uma longa tragada. Não aguenta mais, paga o café e entra no prédio silencioso. Em quinze minutos ela vai tocar a campainha e, enquanto espera, fica sentada em um degrau entre dois

andares. Ouve um barulho e mal tem tempo de se levantar quando vê Paul, que desce as escadas saltitando. Carrega sua bicicleta embaixo do braço e usa um capacete rosa na cabeça.

— Louise? Você está aí há muito tempo? Por que não entrou?

— Não queria incomodar.

— Você não incomoda, pelo contrário. Olha, estas são as suas chaves — ele diz, tirando um chaveiro do bolso. — Entre, sintá-se em casa.

— Minha babá é uma fada.

É o que diz Myriam quando fala da aparição de Louise no cotidiano deles. Ela deve ter poderes mágicos, só assim para ter transformado esse apartamento abafado, exíguo, em um lugar calmo e claro. Louise empurrou as paredes. Deixou os armários mais profundos, as gavetas mais largas. Ela fez a luz entrar.

No primeiro dia, Myriam lhe dá algumas instruções. Mostra como funcionam os aparelhos. Repete, apontando para objetos ou roupas:

— Tome cuidado com isso. É algo de que gosto muito.

Faz recomendações sobre a coleção de vinhos de Paul, em que as crianças não podem mexer. Louise aquiesce, muda e dócil. Observa cada cômodo com a confiança de um general frente a uma terra a conquistar.

Nas semanas seguintes a sua chegada, Louise faz desse rascunho de apartamento um perfeito interior burguês. Impõe suas maneiras antigas, seu gosto pela perfeição. Myriam e Paul se assustam. Ela prega os botões das roupas que eles não usam mais por preguiça de procurar uma agulha. Refaz as barras das saias e das calças. Reforma as roupas de Mila que

Myriam já ia jogar fora sem dó. Louise lava as cortinas amareladas pela fumaça do cigarro e pela poeira. Uma vez por semana troca a roupa de cama. Paul e Myriam ficam contentes. Paul diz, sorrindo, que ela parece a Mary Poppins. Não tem certeza de que ela entendeu o elogio.

À noite, no conforto de lençóis frescos, o casal ri, incrédulo, dessa nova vida que levam. Eles têm a sensação de ter encontrado uma pérola rara, de terem sido abençoados. Claro, o salário de Louise pesa no orçamento familiar, mas Paul não se queixa mais. Em algumas semanas a presença de Louise se tornou indispensável.

À noitinha, quando Myriam volta para casa, encontra o jantar pronto. As crianças estão calmas e penteadas. Louise evoca e satisfaz os fantasmas de família ideal que Myriam tem vergonha de alimentar. Ela ensinou Mila a arrumar suas coisas, e a menininha pendura, sob os olhos estupefatos dos pais, seu casaco no cabideiro.

As coisas inúteis desapareceram. Com ela, nada mais se acumula, nem a louça, nem as roupas sujas, nem os envelopes que esquecemos de abrir e que encontramos um dia embaixo de uma revista velha. Nada apodrece, nada passa da validade. Louise não negligencia nada. Louise é escrupulosa. Ela anota tudo em um caderninho com capa florida. Os horários da dança, das saídas da escola, as consultas com o pediatra. Copia o nome dos medicamentos que as crianças tomam, o preço do sorvete que comprou no carrossel e a frase exata que a professora de Mila falou.

Ao fim de algumas semanas, não hesita mais em trocar as coisas de lugar. Esvazia os armários, pendura sachês de lavanda entre os casacos. Ela faz buquês de flores. Experimenta um

contentamento sereno quando, com Adam dormindo e Mila na escola, pode sentar e contemplar seu trabalho. O apartamento silencioso está inteiro sob seu jugo, como um inimigo que tivesse pedido misericórdia.

Mas é na cozinha que ela realiza a mais admirável das maravilhas. Myriam confessou que não sabia fazer nada e que não se interessava por isso. A babá prepara refeições que Paul acha extraordinárias e as crianças devoram sem uma palavra e sem que jamais seja preciso dizer que limpem seus pratos. Myriam e Paul voltam a receber amigos, que se regalam com os cozidos de vitela, os guisados, os *jarrets* com sálvia e legumes crocantes que Louise prepara. Eles parabenizam Myriam, cobrem-na de elogios, mas ela sempre confessa:

— Foi minha babá quem fez tudo.